

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: REVITALIZAÇÃO DA ARENA ESPORTIVA VERNO MALDANER E ENTORNO EM SANTA LÚCIA/PR

MONTEIRO, Maria Gabriela.¹
FIGUEIREDO, Maria Paula Fontana.²

RESUMO

O assunto da presente pesquisa é revitalização urbana, e tem como objetivo elaborar um projeto de revitalização para a Arena Esportiva Verno Maldaner em Santa Lúcia/ Pr. A temática se encaixa no grupo de pesquisa Intervenções na Paisagem Urbana, tendo como linha de pesquisa arquitetura e urbanismo. Partindo do seguinte problema: De que maneira a revitalização da Arena Esportiva Verno Maldaner pode impactar na qualidade de vida da população de Santa Lúcia/PR? A hipótese é de que a revitalização da Arena Esportiva e a interligação dos canteiros da cidade podem proporcionar uma conexão entre os dois lados da cidade, além de destinar um espaço adequado para as atividades físicas comuns na cultura da cidade. Como metodologia, a pesquisa tem abordagem qualitativa, com base no levantamento de informações através da abordagem bibliográfica, monográfica e histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Revitalização Urbana. Morfologia Urbana. Intervenção Urbana.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como assunto a revitalização urbana, onde apresenta como tema a elaboração de um projeto de Revitalização da Arena Esportiva Verno Maldaner no município de Santa Lúcia, no Paraná.

O objetivo é trazer ao município estudado a oportunidade de oferecer aos habitantes mais incentivo ao uso dos espaços urbanos, a prática de atividade física, o conforto e a socialização. A pesquisa pretende adotar uma solução inteligente para a prática da popular caminhada pela cidade, pretende humanizar o entorno e a Arena Esportiva, possibilitando que toda a população tenha experiências significativas, criando novas memórias e sentimentos ao espaço público, pois, nesse sentido, “as cidades devem propiciar boas condições para que as pessoas caminhem, parem, sentem-se, olhem, ouçam, falem.” (GEHL, 2013, p. 118).

Conforme Lynch (1997), os elementos móveis de uma cidade, em especial as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas, pois a cidade, é um objeto percebido e

¹Acadêmica de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz, formando em 2022. Aluna de PICV (Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária) do Grupo de Pesquisa Intervenções na Paisagem Urbana. E-mail: mgoncalvesmonteiro@minha.fag.edu.br

²Professora orientadora da presente pesquisa. Mestre em Desenvolvimento Regional e doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento – PPGMADE, pela Universidade Federal do Paraná. Docente da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: mariafigueiredo@fag.edu.br

desfrutado por pessoas de classes, culturas e características diversas, levando a crer que a cidade tem suas características marcadas não apenas pelos locais existentes, mas pelas pessoas que habitam e vivem nas cidades.

Sobre a qualidade de vida que uma cidade oferece por suas particularidades, Gatti (2013, p.8) afirma que a cidade é e sempre será medida pela sua vida coletiva, expressa em seus locais públicos, sejam em praças, parques ou até mesmo na rua. Esses espaços são o lugar de lazer, de troca, descanso, conversa corriqueira, o espaço de circulação e, sobretudo, do encontro com o outro. Dessa forma, pode-se concluir que os espaços públicos são o reflexo da comunidade e da vida urbana.

Sendo assim, no ano de 2019, a cidade de Santa Lúcia, no Paraná, com pouco mais que 3.900 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), inaugurou uma nova Arena Esportiva em uma localização central, porém, de grande parte residencial. Logo que inaugurada, notou-se que a obra trouxe grande movimentação dos habitantes para esse ponto da cidade, atraindo o interesse de pessoas de todas as faixas etárias.

Se tratando de um espaço público voltado para a prática de atividades físicas e a socialização comum, é válido destacar a idealização de uma cidade cheia de vida, onde segundo Gehl (2013, p. 6) é de suma importância a vida no espaço público, particularmente as oportunidades sociais e culturais, e a potencialidade de uma cidade tornar-se viva sempre que as pessoas se sintam convidadas a caminhar, pedalar e permanecer nos espaços da cidade, trocando ideias, informações e experiências.

Isso posto, foi estabelecido o problema da pesquisa como: de que maneira a revitalização da Arena Esportiva Verno Maldaner pode impactar a qualidade de vida da população de Santa Lúcia -PR? A hipótese levantada é de que a revitalização e interligação dos canteiros da Avenida do Rosário e a da Rua Curitiba podem proporcionar uma conexão entre os dois lados da cidade, além de destinar um espaço adequado para a prática de atividade física.

O objetivo geral é elaborar um projeto de revitalização para a Arena Esportiva Verno Maldaner, e como objetivos específicos: I) Levantar referencial teórico sobre espaços públicos; II) Elaborar contextualização histórica sobre o local a ser revitalizado; III) Delimitar área de estudo e analisar a viabilidade da revitalização; IV) Buscar correlatos para a realização da proposta projetual; V) Desenvolver um Plano Massa.

2. URBANIZAÇÃO E ESPAÇOS PÚBLICOS: PANORAMA BRASILEIRO

A definição de cidade pode ser abstrata, podendo ser definida através das atividades que a cidade exerce em seu cotidiano. Seria a cidade um amontoado de prédios e casas? Uma localidade pré-definida? Para Carlos (2009, p. 13) a noção de uma cidade apoiada em sua aparência, se dá pela imagem que as próprias pessoas fazem da cidade. Segundo Cullen (1983), existe uma série de aspectos a se considerar para a formação de uma cidade:

Efectivamente [sic], uma cidade é algo mais do que o somatório de seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas. (CULLEN, 1983, p. 9).

Sobre o surgimento da cidade, Mumford (1998, p. 11) afirma que se deu pela pré-disposição social que o homem compartilhou com outras espécies de animais, e então, a busca por abrigo e esconderijo, o acampamento, a aldeia, o santuário, até o surgimento das pequenas povoações. O autor, ainda, explica que o surgimento das cidades se deve, também, à busca humana pela segurança e sobrevivência:

A vida humana agita-se entre dois pólos [sic]: movimento e repouso. [...] Em todos os níveis da vida, troca-se a mobilidade pela segurança ou, ao contrário, a imobilidade pela aventura. Sem dúvida, certa tendência para fixar-se e repousar, para retornar a um ponto favorável que oferece abrigo e boa alimentação. (MUMFORD, 1998, p. 11).

Dessa forma, é possível afirmar que a cidade é uma construção no espaço, uma construção em grande escala (LYNCH, 1997), e entender o seu desenho exige conhecimento em duas grandes áreas: o processo histórico e cultural da formação de uma cidade, e a reflexão da forma urbana. (LAMAS, 2000, p. 22). Segundo Lynch (1997) uma cidade deve ter sua forma legível, onde as ruas, quadras e todos os locais fossem facilmente reconhecidos e memorizados, onde no processo de orientação de qualquer pessoa, a imagem ambiental da cidade seria a base para uma locomoção e reconhecimento mais rápido, não somente para oferecer segurança, mas também para reforçar a profundidade e a intensidade da experiência humana. Assim, Lynch (1997) explica as capacidades de identificação de um ambiente:

Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem. Muitos tipos de indicadores são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como olfato, a audição, o tato, a cinestesia, o sentido da gravidade e, talvez, dos campos elétricos ou magnéticos. (LYNCH, 1997, p. 13).

Nesse sentido, sobre a forma urbana, Lamas (2000, p. 28) diz que é resultado da produção voluntária do espaço. Ainda, afirma que as formas não tem a ver apenas com o juízo estético, ideológico, cultural ou arquitetônico, mas se encontram inerentemente ligadas a comportamentos, utilização do espaço e à vida comunitária dos cidadãos. Logo, a morfologia urbana é, essencialmente, os aspectos exteriores do meio urbano que definem e explicam a paisagem urbana da cidade. Sobre a morfologia urbana:

O tecido urbano é configurado pelo sistema viário, pelo padrão do parcelamento dos solos, pela aglomeração e pelo isolamento das edificações assim como pelos espaços livres. [...] O modo como cada um desses elementos urbanos se cristalizou e conforma o tecido da cidade é efetivamente o objeto da morfologia urbana. (REGO, MENEGUETTI, 2011).

Dessa forma, os “espaços públicos são, ainda, representativos da vida urbana que se faz presente, e são os lugares onde a vida coletiva, sem distinção de raça e classe social, permanece inalterada.” (GATTI, 2013 p. 8). Mohr (2003, p. 36) afirma que a ideia de parque urbano, como espaço público, esteve sempre ligada a salubridade do espaço, à necessidade de lazer e descanso (psicológico, físico) e a importância da socialização e contato com a natureza.

O convívio social gera inúmeros benefícios, assim, Serpa (2018) afirma que os espaços públicos de uma cidade, são os espaços de possibilidade da ação política, ainda que poucos usufruam dessa lógica, e Mohr (2003, p. 26) destaca vários aspectos da necessidade social urbana com os espaços públicos, apontando melhorias na salubridade, convívio social, equilíbrio climático e ambiental proporcionado pela vegetação, a prática de esportes e atividades diversas, afirmando que os parques variam conforme suas funções.

Na esfera brasileira, as praças surgiram em torno das igrejas, conforme Gomes (2008, p.103), atraindo as atividades para sua proximidade, bem como as residências mais luxuosas, os prédios públicos e o comércio. Todavia, mesmo que as cidades brasileiras possuíssem origem a partir da implantação de uma igreja, a expansão não seguia um traçado regular, prejudicando a criação de espaços públicos por conta dessa desordem que acarretava em corredores desalinhados.

A respeito dos papéis desempenhados pelas praças brasileiras na história da urbanidade no Brasil, Novaes (2011, p. 32) declara que os espaços se destacavam nas cidades por suas funções e significados, fossem praças cívicas, militares ou de mercado, e até mesmo para contemplação.

Se tratando de cidades de pequeno porte, para Silva (2007) as pequenas cidades são marcadas pela pessoalidade eficaz dos membros da sociedade e pela setorização padronizada das pequenas comunidades, onde na área central estariam localizadas as atividades de comércio, serviço público, judiciário e religioso, tendo em vista que a praça central do pequeno núcleo, é onde tudo acontece, na visão dos seus habitantes, sendo esse espaço, um espaço de sociabilidade para toda a população. Nesta visão, mesmo as praças possuindo um papel protagonista nas cidades de pequeno porte, a busca pela diversificação de espaços públicos e atividades nos municípios, levam a população a buscar novas alternativas de lazer em outras grandes cidades.

Assim, “as pequenas cidades são frequentemente associadas a espaços marcados pela tranquilidade, socialmente acolhedores e sem as costumeiras mazelas que marcam a sociedade capitalista.” (ENDLICH, 2011). Nessa perspectiva, Mohr (2003) diz que os espaços públicos se fazem necessários por razões sociais:

O homem é essencialmente um ser social e, para não perder esta característica, ou seja, desumanizar-se, são necessários o encontro e o convívio e, conseqüentemente, a comunicação. Necessitam-se de espaços para exercer a democracia que sejam um estímulo a convivência, e estes são os mesmos que a sociedade criou há milênios, que devem ser adequados às novas necessidades, aproveitando as possibilidades que a evolução do conhecimento e da tecnologia oferecem, entre estes espaços, provavelmente os mais destacados sejam os espaços abertos urbanos e, fazendo parte deles, o parque público como acolhedor e produtor da cidadania, “como o emergente de uma sociedade nova. (MOHR, 2003, p. 167).

Além disso, Gehl (2013, p. 20) afirma que uma das características que devem ser comuns no espaço da cidade é a versatilidade e complexidade de atividades. A caminhada pela cidade leva a mudanças constantes entre parada, descanso, permanência e socialização, aleatoriamente e sem planejamento, tornando isso a movimentação e permanência dos espaços da cidade fascinante.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tem abordagem qualitativa, pois envolverá “análise de conteúdo, construção de teoria e discurso” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 115), a pesquisa tem caráter exploratório,

com base no encaminhamento de metodologia bibliográfica, buscará levantar referencial teórico sobre espaços públicos. Esta abordagem, segundo Gil (2010, p. 29) diz respeito ao uso de material publicado, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações, anais de eventos científicos e fontes como materiais disponibilizados pela internet.

A pesquisa, ainda, terá apelo ao método monográfico e histórico (LAKTOS; MARCONI, 2003, p. 108), afim de elaborar a contextualização histórica do local a ser revitalizado buscando estudar a importância dos espaços públicos e a socialização, e sua influência na qualidade de vida dos indivíduos, para a produção de uma solução em forma de revitalização do ambiente público estudado.

Para delimitar a área de estudo e analisar os possíveis impactos da revitalização, será utilizado ferramentas como GeoPortal, Google Earth e os dados oficiais do município. A seguir será realizado a busca por correlatos para a realização da proposta em sites de projetos de arquitetura e urbanismo, bem como bancas de concurso de projetos.

Por fim, para a criação do plano massa, feito com base no diagnóstico desenvolvido através dos encaminhamentos apresentados, será utilizado softwares de projeto e desenho arquitetônico (AUTOCAD, SKETCHUP, COREL DRAW, CANVA).

4. INTERVENÇÕES URBANAS: POSSIBILIDADES E TIPOLOGIAS

Os centros urbanos, cada vez mais, têm atribuído de espaços inóspitos, pouco urbanizados e inacessíveis no âmbito de bem-estar e qualidade de vida. Aguiar (2012) atribui o termo de urbanidade a algo que vem da cidade, como uma gentileza, cortesia na relação de espaço/corpo, de um espaço da cidade que acolhe e recebe o indivíduo. O autor faz o uso deste termo, para salientar que a cada dia, as cidades têm elaborado uma segregação espacial e social com a falta da urbanidade em seus espaços, e então, surge a necessidade de realizar intervenções para a transformação completa desses espaços, e buscar trazer a eles, a vitalidade. Sobre as dificuldades encontradas na utilização dos espaços públicos:

Uma característica comum de quase todas as cidades – independentemente da localização, economia e grau de desenvolvimento – é que as pessoas que ainda utilizam o espaço da cidade em grande número são cada vez mais maltratadas. Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes na maioria das cidades do mundo. (GEHL, 2013, p. 3).

Para as autoras Vargas e Castilho (2015), o processo de deterioração e degradação dos espaços foi intensificado após os anos de 1950, onde houve uma crescente expansão urbana, ao mesmo tempo em que se intensificaram as atividades nos centros, levando então, as pessoas a buscarem outros espaços mais interessantes para morar e viver, assim, com a saída de grandes geradores de fluxo, a arrecadação de impostos diminui e o poder público reduz a sua atuação em manutenção desses espaços, com serviços de limpeza e segurança pública, levando ao abandono e mau uso desses espaços públicos, antes super frequentados. Portanto, as intervenções urbanas podem ser defendidas da seguinte forma:

Em outras palavras, uma intervenção urbana deve prestar inúmeros benefícios além de lazer e recreação, como por exemplo: minimizar enchentes e inundações; reduzir o escoamento superficial das águas das chuvas, promovendo sua filtragem antes de alcançar os corpos d'água, com a melhoria da qualidade do ar, das águas e do solo; contribuir para a captura de carbono e a amenização das temperaturas locais; fornecer habitat para a biodiversidade; melhorar as condições de uso de ciclovias sombreadas, com mais conforto e segurança, entre inúmeros outros. (HERZOG, 2011).

Dessa forma, a ideia de intervir em espaços públicos é sustentada por Vargas e Castilho (2015) na identificação de um processo de deterioração urbana, que pode ser ligado à perda de sua função, à grandes danos que impossibilitam os usos, à ruínas estruturais, ou a perda de sua valorização econômica ou social, portanto, as intervenções servem como uma forma de recuperação da vitalidade, reparação de danos e para atender as exigências estéticas que trarão qualidade visual ao espaço, consequentemente, mais uso desse ambiente.

Sendo assim, Vargas e Castilho (2015) abordam uma divisão dessas intervenções, em decorrência de seus objetivos e estratégias para transformação dos espaços, denominados como requalificação, renovação, reabilitação e revitalização urbana. Tem – se em vista, aclarar a seguir, a definição e o propósito de cada uma dessas intervenções.

4.1. REQUALIFICAÇÃO URBANA

Para Moura et. al (2006) a requalificação é um instrumento de melhoria das condições de vida, que provoca mudanças econômicas, sociais, culturais e paisagísticas, promove a recuperação de equipamentos e infraestruturas, valorizando o espaço público.

Conforme Costa (2011), a requalificação está ligada a promoção da qualidade social e ambiental dos espaços urbanos centrais e periféricos, sejam eles espaços públicos ou não, afim de compor espaços dignos para própria cidade. Moura et. al. (2006), sobre o caráter da requalificação:

A requalificação urbana tem um carácter mobilizador, acelerador e estratégico, e está principalmente voltada para o estabelecimento de novos padrões de organização e utilização de territórios, e para um melhor desempenho econômico (ex. as experiências de reintrodução de actividades [sic] logísticas e terciárias em Rijnstraat/ Holanda; a Área da Nova Centralidade de Barcelona, antes e depois de Jogos Olímpicos; Bilbao, Londres ou Newcastle). (MOURA et. al, 2006 p. 20).

Logo, a requalificação pode ser ainda entendida, conforme Costa (2011), como um processo de intervenção de interesses territoriais, marcado na transformação da área urbana central, ou nas áreas suburbanas, com o propósito de construir espaços focados em processos totalizantes para a cidade.

4.2. RENOVAÇÃO URBANA

Renovação urbana é “conjunto de operações urbanísticas que visam a reconstrução de áreas urbanas subocupadas ou degradadas” (DGOTDU, 2004). Vargas e Castilho (2015) explicam que o processo de intervenção em áreas urbanas assumiu a preferência pelo novo com a renovação urbana, adotando essa estratégia na Europa, com a ideologia da reconstrução urbana do pós-guerra, e na América do Norte, como uma estratégia de contrafluxo do processo de suburbanização.

Sobre os efeitos sociais gerados por esta política, Moura et al. (2006, p. 18) explicam que, no caso de cidades norte-americanas e francesas, as renovações urbanas causaram reocupação de zonas centrais com atividades econômicas de grandes empresas multinacionais do setor financeiro, expulsando grande parte do setor residencial do centro da cidade, acarretando em uma progressiva periferização das classes médias, iniciando um processo de gentrificação nas áreas degradadas. (VARGAS; CASTILHO, 2015, p.15) também, apontam a incapacidade das atividades econômicas mais fracas em obter uma localização estratégica central ao competir com o mercado imobiliário e de grande prestígio econômico que ocupavam os centros renovados. (MOURA, et al. 2006).

Apontando outros efeitos perversos do processo de renovação Vargas e Castilho (2015, p. 14) expõem como a grande quantidade de projetos que, iniciados entre 1960 e 1964, não foram concluídos por falta de investidores, dada sua grande escala, ocasionando que as áreas demolidas para a

renovação permaneceram vazias. A renovação implica em uma mudança estrutural, para Moura et. al. (2006) e atingem uma dimensão morfológica das cidades, a dimensão funcional da economia, e a dimensão social.

4.3. REABILITAÇÃO URBANA

Os processos de reabilitação urbana são complexos, segundo Costa e Alves (1996) envolvem múltiplas dimensões e dinâmicas sociais. Para Boavida-Portugal (2004) a reabilitação consiste em recriar as condições de utilização das áreas das cidades, devolvendo a importância no contexto urbano, esse processo deve ser consolidado com as condições urbanísticas, sociais, econômicas e culturais, devolvendo a viabilidade desses espaços.

A reabilitação e a renovação são distinguidas por Moura et. al (2006, p.18) da seguinte forma: Enquanto a renovação utiliza de um tratamento mais degradante, incluindo a demolição dos tecidos edificados, a reabilitação não representa a destruição desse tecido, e sim se preocupa na readaptação de novas situações e funcionalidades para esse espaço. A reabilitação, então, trata – se de readequar o tecido urbano degradado, fazendo intervenção no edificado, podendo implicar com a demolição de algumas edificações, na construção de outras, ou no restauro. Faz-se, também, intervenção na paisagem urbana, com elementos de visibilidade, transição do espaço público para residencial e melhoramento do espaço público. “Preocupações com o património histórico-arquitetónico e com a manutenção da população nos centros das cidades comandam esta nova política de intervenção urbanística.” (MOURA et. al., 2006, p. 19).

4.4. REVITALIZAÇÃO URBANA

A noção de revitalização urbana, para Nigro (1998) emergiu em contrapartida aos princípios modernistas de renovação urbana nos anos 70, que não tinham respeito aos valores locais existentes. Segundo a autora, a revitalização tem como princípio buscar referências coletivas e comunitárias nas formas de intervenção, devem propor valorização da história e simbologia dos locais, e quando possível, incrementar atividades de lazer e turismo.

Conforme Moura et. al. (2006) a revitalização urbana intervém a médio e longo prazo, promovendo vínculos entre territórios, atividades e pessoas. Portanto, obriga promover melhoria na qualidade de vida, do ambiente urbano, das condições socioeconômicas, atuando de forma integrada e se adaptando as realidades territoriais. Sobre a revitalização:

A revitalização urbana, enquanto processo de trazer “nova vida” ou trazer “de novo” dinâmicas perdidas, desenvolve uma perspectiva claramente organicista e vitalista, na análise e no modo de planejamento do processo de urbanização ou do território urbanizado. Mas, antes de mais, trata-se de um conceito complexo e as estratégias, as metodologias e os instrumentos de revitalização podem abranger muitas vertentes, desenvolvidas por outros modelos de intervenção na transformação do espaço urbano. (MOURA et. al., 2006, p. 22).

Portanto, conforme Vargas e Castilho (2015), o processo de revitalização urbana ocorre por meio de três aspectos importantes: o desenvolvimento de projetos que reaproveitam e restaurem edifícios antigos e criem novos espaços para recreação em massa, engajando os cidadãos nas questões de políticas públicas e dando voz positiva a todos que usam as áreas urbanas, e na integração da gestão compartilhada programas, articulando parcerias entre os setores públicos e privados para o desenvolvimento urbano sustentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os elementos apresentados e estudados, nota-se a grande influência e importância que os espaços públicos exercem em uma cidade. Cidades de pequeno porte exigem um espaço convidativo, humano e acessível para conquistar a permanência da população nas áreas públicas da cidade. Tendo em vista a necessidade de aprimorar o espaço urbano existente, uma proposta de revitalização para a Arena Esportiva Verno Maldaner e a interligação dos canteiros, tendem a proporcionar qualidade de vida, conforto e a melhoria da dinâmica da cidade de Santa Lúcia. Acredita-se que com essa intervenção, o município terá capacidade de oferecer mais vitalidade, socialização e inclusão da comunidade em seus espaços públicos.

Com a presente pesquisa, busca-se elaborar um projeto com autenticidade e que atenda as demandas da população, atinja os objetivos e traga resultados para o município, de forma a fortalecer o vínculo cidade/pessoas, dessa forma, alterando e agregando a morfologia da cidade e ao lazer da população, sem provocar possíveis adversidades à vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Douglas. **Urbanidade e a qualidade da cidade** / Vitruvius, Revista Arquitectos, março de 2012. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/12.141/4221> > Acesso em: 25/03/2022.

BOAVIDA-PORTUGAL, Luis. **As condições de sustentabilidade da reabilitação urbana**. GeoInova, n. 10, p. 175-190, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade** / Ana Fani Alessandri Carlos. 8, ed. 2º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009. (Repensado a Geografia).

COSTA, António Firmino da; ALVES, João Emílio. **Avaliação processual em reabilitação urbana: conceitos e instrumentos**. CIES-ISCTE / Celta, 1996.

COSTA, Everaldo Batista da. **Totalidade Urbana e Totalidade – Mundo: As cidades Coloniais Barrocas face à Patrimonialização Global** / Everaldo Batista da Costa, São Paulo: Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa - Portugal. Edições 70, 1983.

DGOTDU. **Vocabulário de Termos e Conceitos do Ordenamento do Território** / Direcção – Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano – DGOTDU, 2004.

ENDLICH, Angela Maria. **Território e morfologia urbana em pequenas cidades: O que revelam?** / Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-114.

GATTI, Simone. **Espaços Públicos. Diagnóstico e metodologia de projeto**. Coordenação do Programa Soluções para Cidades – São Paulo, ABCP, 2013.

GEHL, Jan, 1936. **Cidades Para Pessoas** / Jan Gehl; tradução Anita di Marco. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil, 1946 – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **De lago a jardim: Praças públicas no Brasil – Algumas aproximações**. Dissertação de mestrado - As praças de Ribeirão Preto -SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos. Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, 2008.

HERZOG, Cecilia P. Revitalização ou maquiagem urbana? / Vitruvius, Revista Minha cidade, abril de 2011. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.129/3828> > Acesso em: 26/03/2022.

IBGE. Panorama Santa Lúcia PR. – IBGE, CENSO, 2010. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/santa-lucia/panorama> > Acesso em: 25/03/2022.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas 2003.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Para a ciência e tecnologia. 2000, 2º edição.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade** / Kevin Lynch: tradução Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOHR, Udo Silvio. **Os grandes espaços do lazer urbano arquitetura dos parques públicos: morfologia, tipologia e potencialidades** / Udo Silvio Mohr – Porto Alegre: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, 2003.

MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João. **A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo**. Revista Cidades – Comunidades e territórios, n. 12/13, 2006.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas** / Lewis Mumford: [tradução Neil R. da Silva]. – 4º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998, - (Ensino Superior).

NIGRO, Cíntia. **Revitalização urbana em áreas centrais: discussões sobre o caso da cidade de São Paulo**. / Cíntia Nigro – Mestranda em Geografia Humana no Departamento de Geografia da FFLCH/USP - Artigo de adaptação do trabalho do final de curso de Pós-Graduação – Urbanização e Industrialização do Estado de São Paulo. 1º semestre de 1998.

NOVAES, Raquel Santos de. **A dinâmica de uso da praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná. 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. **A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade**. Acta Scientiarum. Technology / Maringá, v. 33 n. 2. 2011.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea** / Angelo Serpa – 2. Ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018.

SILVA, J. M. **Cultura e territorialidades urbanas – Uma abordagem da pequena cidade**. Revista de História Regional, v. 5, n. 2, 24 de set. 2017.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** Manoele, 3 ed. 2015.